

UMA PARTIDA DO DESTINO

O som da chuva a cair no parapeito da janela ameaçava distraí-la. Não porque o livro à sua frente a não interessasse – ainda estava para ser escrita uma obra que conseguisse tal proeza – mas porque se tratava de um fenómeno pouco habitual no Cairo, sobretudo no mês de Junho.

Durante o último destacamento diplomático de Hugo Torres, pai de Ana e embaixador português na capital egípcia, a jovem passara por diversas experiências misteriosas e pouco habituais. Tinha, por exemplo, assistido à actuação secreta de uma remota seita egípcia no Monte dos Sacríficos, em Petra. Descobrira também, com a ajuda da irmã e do primo, um pergaminho com uma chave enigmática chamada *Mosaico da Rosa*. Este, ao ser colocado numa matriz escondida no interior de uma loja abandonada, num antigo mercado egípcio, garantia a obtenção de um desejo ao seu detentor. E conseguira ainda desencantar um mapa misterioso gravado numa rocha, no meio do deserto de Wadi Rum, que a condução desen-

[16] O Caso do Último Dinossauro | Mafalda Moutinho

freada de dois beduínos jordanos revelara após um acidente de jipe¹.

O rol de acontecimentos extraordinários poderia desenvolver-se em longas páginas, mas a ocorrência de chuva no Cairo era tão rara que merecia um lugar de destaque naquela espantosa lista de eventos singulares.

De facto, os Invernos eram de tal forma quentes e secos que, se não fosse pela diferença de temperaturas, quase não se distinguiriam das restantes estações do ano.

Vencida, Ana acabou por pousar o livro na secretária e afastou as cortinas à sua frente. O aguaceiro aumentava a olhos vistos. Levantou-se da cadeira e aproximou-se da janela, abrindo-a de par em par.

– Uhhh!... Que cheirinho! – disse, inspirando profundamente.

A fragrância da água a penetrar na terra seca sempre lhe agradara.

Deslizou para cima da cama, em frente à janela e deixou-se ficar ali sentada durante alguns momentos, com os seus grandes olhos castanhos a fixar a relva do jardim.

«A última vez que choveu desta maneira houve inundações que cortaram o trânsito...», pensou, enrolando os caracóis dos cabelos nos dedos. «O que não é coisa pouca, numa cidade a abarrotar de carros como esta. Oh! Ia jurar... mas que estranho...»

Pôs-se de joelhos na cama e focalizou o olhar na rua mais próxima, por onde a água escorria como se descesse pelo leito de um rio. «Já aqui estou há tanto tempo e só agora é que me apercebo disto: as ruas do Cairo não têm sarjetas!»

Bem, sendo assim, estavam explicadas as inundações.

A interrupção na leitura, porém, não durou muito. Ana estava mortinha por descobrir o resultado das suas recentes pes-

¹ Ver *O Segredo do Mapa Egípcio*. (N. A.)

quisas e a chuva, por mais insólita que lhe parecesse, não era suficiente para a distrair por muito tempo.

O livro que a entretinha podia não se encontrar no topo dos seus volumes predilectos – manuscritos antigos, com formato gigantesco, de preferência amarelados e com cheiro a papel velho – mas o instinto dizia-lhe que talvez contivesse informações igualmente curiosas.

Na realidade não se tratava de um livro propriamente dito, mas de uma colectânea encadernada de revistas científicas de 2001. Acabara de a requisitar na biblioteca da *British International School*, no número 5 da *El Yemeni Street* em *El Zamalik*, a escola que frequentava com a irmã perto de casa.

E fizera-o por uma razão específica...

Ana era uma jovem atraente de estatura média, olhos muito expressivos e cabelos castanho-claros ondulados. Não tinha problemas em dar ouvidos à irmã mais velha em termos de escolhas de moda, o que significava vestir-se bem e com laivos de originalidade. Ligava muito menos às marcas de roupa do que Maria, mas nem por isso prescindia das ocasionais incursões às lojas, onde compravam coisas de que precisavam e outras que não lhes faziam falta nenhuma.

Era uma rapariga decidida e de natureza curiosa, mas o seu traço mais característico era a paixão extraordinária pelos mistérios das grandes civilizações, que alimentava passando mais tempo em bibliotecas do que a maior parte dos seus amigos. Como resultado da sua bibliomania, detinha conhecimentos sobre os povos antigos que faziam roer de inveja alguns professores menos dados à pesquisa literária.

Talvez por estar tanto tempo com o nariz enfiado nos livros, Ana tinha-se tornado um pouco desconfiada. Habituar-se, por exemplo, a não fazer novos amigos sem antes os submeter a uma espécie de raio-x mental. E nem sempre era fácil cair nas boas graças da rapariga, sobretudo se a amizade fosse iniciada com o pé errado. Algo parecido acontecera com Dragos, o jovem

[18] O Caso do Último Dinossauro | Mafalda Moutinho

romeno que os primos tinham conhecido em Roma e a quem a rapariga assaltara com interrogações de terceiro grau¹.

Ana interessava-se um pouco por tudo, embora as suas leituras preferidas estivessem quase sempre relacionadas com a História. E assim, por acréscimo, adquirira alguns conhecimentos de latim, vantagem fundamental que tinha permitido aos primos decifrar enigmas e avançar com as pesquisas em várias ocasiões.

Normalmente era ela a dar início às investigações que levavam os três jovens a envolver-se em aventuras, ao decidir espiolhar algum acontecimento mais insólito.

Embora se pudesse sugerir que boa parte dos casos resolvidos pelo grupo tivessem muito que agradecer à sorte e à coincidência, Ana tinha uma opinião diversa: achava que o facto de assistirem a determinados acontecimentos por se encontrarem no sítio certo, no momento certo, se devia à existência de uma ordem pré-estabelecida de ocorrências que nenhum dos intervenientes tinha o poder de alterar. Por outras palavras, acreditava muito no destino.

A verdade é que tanto a sua curiosidade como uma certa simpatia por teorias de conspiração, acabavam implacavelmente por fazê-la dar de caras com novos mistérios a desvendar.

No entanto, desta vez, e porque não há regra sem excepção, a iniciativa não tinha partido da cabeça de Ana. Alguém lhe tinha encomendado aquela pequena investigação e o que acabara de descobrir nas páginas da revista científica era, de facto, muito estranho e inexplicável.

– Posso? – perguntou Maria, empurrando a porta do quarto e deixando-se ficar à entrada, à espera da resposta.

Maria tinha dois anos de diferença em relação a Ana, era um pouco mais alta, igualmente atraente, mas bastante mais

¹ Ver *O Mistério das Catacumbas Romanas*. (N. A.)

vaidosa. Tinha cabelos castanho-escuros, um pouco abaixo dos ombros, face longa, nariz pequenino, olhos muito vivos e um sorriso caloroso. Seguia a moda como quem segue um trilho à beira de um precipício e orgulhava-se muito disso.

Tinha um carácter expansivo e grande facilidade em falar em público. Se por um lado as aulas de teatro frequentadas nos últimos anos a tinham ajudado a desenvolver esta competência, por outro poderia agradecê-lo também à sua prodigiosa imaginação.

Maria era de facto uma jovem expedita, a quem não faltavam ideias instantâneas e úteis, mesmo nas alturas em que outros não conseguiam pensar em nada para dizer. Era ela quem inventava as desculpas mais eficazes quando os primos se metiam em algum imbróglio, fazendo-o com descaramento e um sorriso inocente.

Maria era também a mais excêntrica dos três primos. Tinha uma personalidade muito forte, era teimosa, às vezes exagerada, e sabia comportar-se como uma verdadeira pequena actriz, se achasse que isso a ajudaria a levar a água ao seu moinho. Era extremamente criativa. Aliás, das duas irmãs era a que melhor perfilhava o espírito artístico da mãe, uma famosa criadora de mosaicos.

– Então, afinal? Posso entrar, ou não? – insistiu Maria.

Ana parecia não a ouvir. «Deve ser mesmo um livro fora de série», pensou Maria, fazendo uma careta.

Em termos de leituras, não ficava atrás da irmã, embora preferisse outro tipo de livros, como aventura, romance ou ficção. Além disso tinha uma queda natural para a escrita o que, aliado à propensão espontânea para inventar, dava origem às mais intrincadas e divertidas narrativas. Para além de usar o seu génio imaginativo, adicionava-lhes as melhores piadas de André, diligentemente seleccionadas nos momentos que passavam juntos, para desespero do primo que nem sempre achava graça à recolha.

Os quartos de ambas as irmãs na casa do Cairo eram totalmente *off limits* para qualquer um dos elementos da família. A única pessoa que se atrevia a entrar sem obter prévia autorização era a velha empregada, Mert, que sem o mínimo de consideração pela origem do seu nome egípcio, «amante do silêncio», falava pelos cotovelos e não se acanhava ao entrar nos compartimentos da casa, estivessem eles ocupados ou não. Além disso, tinha adquirido o hábito insolente de se fazer desentendida quando alguém resmungava e se lamentava da intrusão: perdia a sua já limitada capacidade de comunicar em inglês e começava a disparar frases incompreensíveis em árabe.

Uma dessas ocasiões, uns meses antes, tinha até dado azo a uma situação um pouco infeliz e que por sinal envolvia Maria:

A jovem estava no quarto a ouvir música na sua pequena aparelhagem, de porta encostada para não escandalizar a empregada que sempre se mostrara pouco sensível às modernices da juventude e a quem a música só agradava se fosse árabe e ouvida abaixo dos quarenta decibéis.

A egípcia, conservadora e de idade indefinida, possuía uma robustez que não lhe permitia sequer levantar demasiado o braço para chegar às prateleiras mais altas, no momento de limpar o pó. Mas detinha uns dotes inigualáveis de cozinheira que impediam qualquer ser humano de dispensar os seus serviços, especialmente depois de sucumbir à tentação de saborear o pato no forno *à la Mert*.

Maria encontrava-se abstraída a tentar um complexo movimento de dança *hip pop* que vira num videoclip da MTV, executado por Britney Spears, uma das suas cantoras preferidas. O exercício, baseado em passos básicos de *breakdance* e com uma forte componente de *jazz* e de *street dance*, exigia muita concentração. Consistia numa mistura complexa de movimentos rápidos do corpo, com variações ondulatórias de braços e ombros, acompanhadas de passos curtos. Terminava com um salto arrojado em que os joelhos subiam junto ao peito, os braços

imitavam o esvoaçar de um pássaro num único tempo e tudo se concluía com uma espargata no ar, antes de o corpo da bailarina se prostrar por terra, assumindo uma artística posição de morta durante os momentos finais da canção.

Maria já tinha ensaiado aquele *hip pop move* noutras ocasiões, mas a espargata final continuava a não sair perfeita, devido ao pouco espaço livre do quarto. Selecionou a canção de forma a que se repetisse automaticamente no sistema de áudio e voltou a executar a parte final do movimento, concentrando-se na espargata frontal. Tentou uma, duas, três vezes, mas continuava insatisfeita com o resultado.

Começava a cansar-se e o ar já lhe entrava e saía dos pulmões com alguma dificuldade. Contudo, em vez de parar, a jovem, para quem o conceito de perfeição por vezes se tornava numa espécie de directiva, decidiu continuar.

Por triste coincidência, Mert escolheu o exacto momento da sexta tentativa de espargata para entrar no quarto, seguindo o procedimento habitual, ou seja, sem bater à porta.

A simultaneidade dos dois acontecimentos fez com que o pé voador de Maria provocasse o bloqueio inesperado da porta que Mert, alheia ao perigo, esperava abrir. O resultado foi uma valente pancada na cara da empregada: o nariz inchou-lhe para o dobro do tamanho e o olho esquerdo adquiriu uma cor violácea muito escura que só desapareceu por completo duas semanas mais tarde.

– Já viste que começou a chover? – perguntou Maria, continuando sob a ombreira da porta, à espera de autorização para entrar.

Ana, porém, continuava submersa na sua leitura.

– Porreiro, não é? – disse Maria, levantando a voz com impaciência. – Já estava a ficar calor a mais... Só é pena os treinos de voleibol passarem amanhã para o ginásio, porque o campo de fora vai estar todo ensopado.

Nos últimos tempos, Maria dedicava-se muito ao desporto, sobretudo ao voleibol, acabando até por diminuir a frequência

nas aulas de teatro. A razão era simples e já tinha convencido muitas das suas colegas: o novo treinador, além de ser lindo como um jovem deus do Olimpo, era de uma simpatia inacreditável.

– O que é que estás a fazer? – voltou a insistir Maria, acompanhando agora a pergunta com uma sonora pancadinha na porta.

– Ah! Entra! – chamou Ana, fazendo-lhe sinal, mas sem desviar os olhos da secretária.

As paredes podiam não estar forradas de posters, como as do quarto de Maria, mas eram tudo menos enfadonhas, sobretudo desde que tinham sido pintadas de amarelo-vivo, uma cor que Ana adorava.

O quadro de cortiça por cima da secretária e ao lado da janela, por exemplo, estava apinhado de recortes de jornais e revistas com artigos sobre os casos resolvidos pelos primos (embora os nomes deles raramente aparecessem referidos): como *O Mistério das Catacumbas Romanas*, em Itália, ou *O Enigma do Castelo Templário*, em Portugal, solucionados no ano anterior. Compreensivelmente, não tinha havido grande cobertura mediática após a resolução de *O Segredo do Mapa Egípcio*, uma vez que tudo se resolvera nos meandros da diplomacia internacional.

Depois havia a parede dos mapas, com o mapa-múndi colorido e superavanzado que Ana recebera no Natal a ocupar o lugar de estrela principal. Estava ligado à corrente eléctrica e era composto de filamentos de fibra óptica. Bastava tocar com um dedo em cada país para um pequeno quadro de informações se abrir com as cores da bandeira em questão, pronto a fornecer ao utilizador os mais variados dados estatísticos sobre população total, rendimento *per capita*, taxas de mortalidade, regime político, clima, etc. Actualizava-se através de um chip integrado e era a primeira coisa que Ana mostrava aos amigos quando tinha visitas ou havia alguma festa em casa.

As restantes paredes estavam destinadas ao roupeiro e às estantes onde Ana guardava os livros da escola e os que ia recebendo como presentes.

Ao obter a autorização pretendida, Maria aproximou-se da irmã para ver o que a entretinha.

– «*Latest Scientific Discoveries*»... – murmurou, ao ler o título da página. – Uhhh... – e franziu o sobrolho, como se procurasse uma aplicação imediata para semelhante matéria.

Ana continuava absorta na sua pesquisa.

– Ouve só esta: a Mert acabou de me arrancar todos os posters de cantores que eu tinha nas paredes! Acreditas? Disse que tinha de acabar a limpeza da Primavera. Boa desculpa! Agora quer convencer-me de que é preciso lavar as paredes. Não apreciava era que o número de peças de roupa por artista nunca superasse o dois... Por acaso não sabes se inventaram alguma engenhoca recentemente para impedir gente intrometida de entrar sem autorização? Dava-me imenso jeito para a Mert! Estou furiosa!

– Que tal um bom pedaço de metal com dentes? – sugeriu Ana, continuando a fixar a sua revista.

Maria arqueou as sobrancelhas, imaginando uma engenhoca de estilo medieval colocada por cima da sua porta, a cair brutalmente em cima de intrusos desprevenidos.

– Bem... não estava a pensar em nada de tão violento... Coitada da Mert!

– Boa, Maria! – riu Ana, erguendo por fim a cabeça e olhando divertida para a irmã. – És sempre tão exagerada!... Estou a referir-me a algo com um nome que por sinal até fica bastante no ouvido: chama-se «chave»...

Ao aperceber-se da figura de idiota que acabara de fazer, Maria perdeu o controlo dos músculos faciais por alguns segundos e esboçou um sorriso amarelo. Mas depressa recuperou, tentando não se desmanchar a rir:

– Oh, sabes perfeitamente que os pais não nos deixam fechar o quarto à chave!

Sentou-se no bordo da cama da irmã e passou o dedo pelo parapeito da janela, fingindo-se distraída à procura de vestígios de pó.

– Por que é que estás tão interessada nessas revistas? – insistiu, aproveitando para mudar de assunto.

Ana achou que tinha chegado o momento de envolver Maria nas suas averiguações e explicou-lhe:

– São revistas científicas de há uns anos atrás. Falam dos restos de um enorme dinossauro herbívoro encontrado aqui no deserto Egípcio, no Sara Oriental, mais precisamente no oásis de Baharia.

Maria semicerrou os olhos, formando uma série de rugas no meio da testa, mas manteve-se em silêncio. A ideia de um dinossauro herbívoro, de dimensões gigantescas, com uma alimentação limitada às ervitas de um oásis no meio do deserto, era digna de exercitar a imaginação de qualquer um. A irmã pareceu ler-lhe os pensamentos e apressou-se a elucidá-la:

– Estamos a falar de fósseis de um dinossauro do período Cretácico, com noventa e quatro milhões de anos. O deserto actual era na altura uma zona muito verdejante.

– Ah, estou a ver... E então?

– Embora tenha sido publicada só em 2001, a descoberta foi feita em 1999 pelo americano Joshua Smith, um jovem investigador da Universidade da Pensilvânia que se deslocou ao deserto egípcio com um grupo de paleontólogos. Andavam a percorrer o deserto de jipe, em busca de fósseis de dinossauro, quando deram com um enorme úmero fossilizado. Como pertencia a uma espécie nova, chamaram-lhe *Paralititan stromeri*, ou *Gigante das Marés*, um dos maiores dinossauros jamais encontrados. Estima-se que tivesse uns vinte e sete metros de comprimento e pesasse umas setenta toneladas.

Maria puxou a revista para si, observando o dinossauro desenhado ao mais ínfimo pormenor. Tinha um pescoço longuíssimo e um corpo monumental, robusto e aparentemente liso.

– Só para teres uma ideia de quanto o bicho era grande, imagina que pesava tanto como seis ou sete elefantes juntos e era comprido como quatro girafas...

Maria aproximou ainda mais a ilustração do nariz.

– Mas que... animal! – disse, sem encontrar um adjetivo mais apropriado. – Isto é tudo muito interessante, mas... Onde é que está o mistério?

– Já lá vamos – respondeu Ana, aumentando as expectativas. – Na zona onde foi descoberto o *Paralititan stromeri* já anteriormente se tinham encontrado outros vestígios de dinossauros. Em 1911, um certo Ernst Stromer von Reichenbach, um paleontólogo alemão, desenterrou ali o primeiro fóssil de dinossauro egípcio!

Ana esperou pela reacção de Maria às suas últimas palavras, mas o rosto da irmã permaneceu imóvel.

– Depois disso e durante vários anos, Stromer continuou a investigação, descobrindo vários predadores como o *Spinosaurus* (a estrela do filme *Jurassic Park III*), o *Carcharodontosaurus* e o *Bahariasaurus*, e outros dinossauros herbívoros, como o *Aegyptosaurus*.

– E o *Paralititan stromeri* tem alguma coisa a ver com esse tal Stromer?

– Estou a ver que hoje estás concentrada. Sim, deram-lhe o nome em sua honra. Aliás, durante a expedição de 1999, foram também encontrados vestígios de outros dinossauros *que se pensa* pertencerem aos mesmos animais descobertos por Stromer no início do século.

– Que se pensa? – perguntou Maria, apercebendo-se da ênfase que a irmã dera à expressão. – Então não têm a certeza?

Se continuasse a aumentar o suspense daquela forma, Ana arriscava-se a levar com uma almofada em cima, mas mesmo assim deixou passar alguns segundos em silêncio, antes de ir ao fundo da questão.

– De acordo com estas revistas, todos os fósseis encontrados no princípio do século XX foram embarcados para Munique e estudados por Stromer entre 1915 e 1936.

– Mas?... – disse Maria, prevendo a conjunção adversativa que ali vinha.

A resposta mostrou-lhe que não se enganava:

– Mas o problema é que tanto os fósseis como as provas da existência de dinossauros no Egipto foram destruídas em Munique, em 1944, durante a Segunda Guerra Mundial, devido a um ataque aéreo dos Aliados!

Ana deixou finalmente transparecer alguma emoção na voz.

– Não sobrou nada! Todos os documentos e mapas com pormenores da zona exacta desapareceram e durante quase sessenta anos ninguém voltou a encontrar fósseis de dinossauros no Egipto!

Maria levantou-se da cama e começou a caminhar pelo quarto, pensativa. «Ter-me-á escapado alguma coisa, no meio disto tudo?», pensou. «Acho que até estava bastante concentrada a ouvi-la... e no entanto...»

– Olha, não quero parecer chata, mas apesar de a tua história ser muito interessante, continuo sem perceber onde é que queres chegar. Pronto, ok, os dinossauros desapareceram com o bombardeamento e depois? Também não é nada assim tão estranho!

– Não tens visto o teu *e-mail* ultimamente, pois não? – perguntou Ana, embora já imaginasse a resposta.

– Não. Não tenho tido tempo. O teste de Matemática de ontem obrigou-me a estudar a sério durante toda a semana. Nem sequer me lembrei de o ir ver.

– Então pelo menos esse mistério está resolvido...

– Mas qual mistério? Não estou a perceber nada!

– Se nada daquilo que eu disse puxou pelas tuas células cinzentas, então é porque ainda não leste o último *e-mail* do André!

– O André escreveu-nos? Quando?

– Há três dias atrás – respondeu Ana, abrindo o correio electrónico e seleccionando a mensagem do primo.

– Deixa ver – disse Maria, trocando de lugares com ela e lendo em voz alta:

«Queridas primas,

Como é que vocês estão? Espero que os testes vos estejam a correr bem. A mim só me faltam três e depois: férias!

Bem, como não tenho muito tempo, vou directo ao assunto: lembram-se de vos ter dito no ano passado que o meu grupo de escuteiros estava a pensar escolher alguns membros para participar em escavações de dinossauros? Pois bem, foi tudo confirmado numa reunião de chefes há algumas semanas atrás e... eu fui um dos escolhidos!

Desde então tenho andado a preparar-me para ir passar o Verão à Lourinhã, o concelho com mais jazidas em Portugal e aquele onde foi encontrado o maior ninho jurássico de dinossauros do mundo!

Num dos primeiros fins-de-semana de preparação fui até «ao local do crime» (se bem que na altura ainda não tivesse havido crime nenhum)».

Maria virou o pescoço de lado e olhou para Ana com ar apreensivo.

– Crime?... – sussurrou, antes de recomeçar a ler o resto do e-mail.

Ana encolheu os ombros e fez-lhe sinal para continuar.

«Foi então que conheci o Orlando. Que personagem! É difícil descrevê-lo resumidamente, mas posso dizer-vos que se trata de uma pessoa incrível. Tem a minha idade e é uma mini-enciclopédia na área dos dinossauros. E como é filho do maior paleontólogo português, tem todos os

meios à disposição para um dia se tornar famoso (incluindo uma paixão enorme por aqueles seres). Além disso, tem um excelente sentido de humor - aliás até foi por isso que começámos a dar-nos tão bem um com o outro - e de acordo com o que dizem as miúdas, é giro e tem imensa lata. Ou seja, uma combinação perigosa... »

– Caramba! – riu Maria, impressionada. – Que personagem. Mas não tinha dito que ia directo ao assunto?

– Vá, continua a ler! – instigou Ana.

«Desde que nos conhecemos, tornámo-nos bons amigos e ele tem-me contado imensos por menores das descobertas feitas na Lourinhã. (Imaginem que encontrou um dente de dinossauro quando só tinha oito anos! Não é incrível?)

Como o pai é o responsável principal pelo museu de Paleontologia, o Orlando tem acesso ilimitado a todas as zonas, e quando não está ali ou na escola, anda nas arribas à procura de novos vestígios com o pai (ou sozinho, desde que ninguém saiba).

Temos comunicado muito um com o outro por e-mail. Sobretudo desde que se deu o «incidente»... »

– Estou a ver que o nosso priminho aprendeu contigo a fazer render o peixe – comentou Maria, interrompendo mais uma vez a leitura. – Onde é que ele quer chegar com isto?

O início da frase seguinte de André fê-las desatar a rir:

«Imagino que a Maria esteja a ficar impaciente para saber o que se passa, por isso agora é

que vou mesmo directo ao assunto: há duas semanas atrás deu-se um episódio estranhíssimo no pequeno museu.

Ali encontram-se todos os fósseis de dinossauros recolhidos na região, tanto nas salas que podem ser visitadas pelo público, como no armazém e no laboratório do museu. Estamos a falar de quase três mil peças, entre ossos e dentes. As descobertas mais importantes, obviamente, são guardadas no cofre.

Apesar de em 1987 terem roubado um ovo de dinossauro do museu, nunca se colocaram guardas ou qualquer sistema elaborado de segurança nas salas. Ao fim e ao cabo estamos a falar de uma vila pacata, que só se tornou conhecida internacionalmente devido às recentes descobertas no campo da Paleontologia.

Nunca se chegou a descobrir o autor do roubo e a coisa acabou por ser esquecida, até que, há tempos, novos assaltantes levaram consigo alguns embriões de *Lourinhanosaurus* e fósseis de *Spinosaurus* (o maior carnívoro terrestre que se conhece no mundo, ainda maior do que o *Tyrannosaurus rex*) que se encontravam guardados no cofre do museu. Umhas câmaras de vídeo teriam dado imenso jeito, mas sem elas os ladrões conseguiram fugir sem deixar rasto.

Mais um caso clamoroso de «gamanço científico», como eu lhe chamo, estarão vocês a pensar. É uma dedução bastante lógica, tendo em conta a gatunagem que para aí anda a saquear as jazidas, para depois vender bocados de dinossauros com milhões de anos nas feiras de todo o mundo...

Na próxima semana já deverão chegar alguns investigadores à vila para ajudar a descobrir a origem do furto. Mas as coisas não parecem ser simples...

Não fui muito exacto quando disse que os ladrões não deixaram rasto. A verdade é que deixaram uma pista para trás.

E essa pista é a parte mais estranha de toda esta história. Foi encontrada no local do crime e ainda ninguém conseguiu perceber a sua relação com o roubo. Trata-se de um velho jornal científico retirado dos próprios arquivos do museu e inserido dentro do cofre, como se o tivessem posto ali em troca dos embriões e dos fósseis roubados.

O jornal continha um artigo sobre uma antiga descoberta de um Spinosaurus, precisamente no Egípto onde vocês estão! Ao longo do texto do artigo, alguém sublinhou diversas vezes os dois primeiros nomes do paleontólogo que o descobriu: Ernst Stromer von Reichenbach. Mas para além da coincidência da espécie egípcia dos fósseis, ninguém consegue perceber porquê!»